

O HOMEM LIVRE

Redator-chefe: **Geraldo Ferraz**

Rua S. Bento, 58 — 2.º andar — Telefone 2-3780

Diretor-gente: **José Pérez**

Anno I

S. Paulo, 10 de Junho de 1933

Num. 3

O "Estado" o "Homem Livre" e os Judeus

O Brasil apresenta, sem dúvida, novidades na sua evolução histórica. Sem isso não se explicaria o recurso, desde já, aos judeus, para os argumentos e tarefas reacionárias. "O Estado de S. Paulo", noticiando o aparecimento de "O Homem Livre", apresentou-o como um "periódico de propaganda semita", tratando de "questões semitas da atualidade".

Isso vale por uma profissão de fé fascista, apesar dos artalgos de Nitti e das transcrições de artigos profugando a violência hitlerista contra os judeus que o "grande órgão" publica com frequência.

Se quisermos levar a sério a perfídia do "Conselheiro", diríamos que, si tratar das perseguições levadas a efeito pelos bandos armados de Hitler é fazer "propaganda semita", ele, pelo menos em quantidade, levaria vantagem sobre nós. Mas isso seria inútil e mesmo pernil.

"O Homem Livre", desde o seu primeiro número, mostrou bem claramente qual o seu programa: combater sem tréguas o fascismo, mostrar o "bluff" de sua propaganda, mandando à custa do silêncio imposto às populações pela violência mais bestial, por a nd a demagogia a que recorre para narcotizar determinadas camadas sociais; e, paralelamente a essa campanha contra todos os "difices" e "fuhrer", promover a defesa dos princípios democráticos e substanciados nos direitos políticos para todas as classes da sociedade, mostrando a imoralidade e a infâmia da "democracia" somente para a minoria dos opressores, sim, porque a tão maluzada liberdade continua a existir, mesmo no regime fascista, mas apenas para as castas privilegiadas.

A chamada questão judaica, depois do caso Dreyfus nunca esteve tão em foco como presentemente, com a subida de Hitler ao poder na Alemanha. De lá temos tratado e dela, naturalmente, continuaremos a tratar. Queremos, entretanto, frisar, que essa questão, do ponto de vista social

e político, é para nós de uma grande simplicidade. No nosso número anterior no artigo intitulado "A Internacional Nacionalista", dizíamos que o fascismo se simplificava "despluado a sua demagogia para uso interno, aparecendo como mero instrumento que é de opressão das massas, na defesa dos mais sordidos interesses materiais, dos privilégios de casta mais empedernidos, do mais tenebroso obscurantismo, de tudo isso entendi que é o patrimônio de uma categoria social formada tanto de arianos como de celtas, de brancos e de amarelos, de mestiços ou não, de cristãos ou de judeus: — os plutocratas".

Não se podia ser mais claro. E somos nós que fazemos propaganda semita.

O "problema judaico" perdeu-se na imensidão do problema da sociedade contemporânea, confundindo-se com ele. A acuidade do conflito entre as diferentes classes sociais, colocadas frente a frente no sistema de produção do mundo moderno, leva de roldão os preconceitos raciais e religiosos que se revelam cada dia mais frágeis e inconseqüentes.

A pequena burguesia alemã, cuja cretinização pelo palavreado óco da demagogia hitlerista é uma das coisas mais difíceis de serem concebidas em nosso tempo, deve estar já desiludida diante da cessação tão rápida do boicote aos comerciantes israelitas, o que poderia, ainda que passageiramente, aumentar-lhe o número de fregueses. Outras eram as cantigas nos tempos da propaganda e da luta pela conquista do poder. A campanha contra os comerciantes judeus durou o tempo que a demagogia feita anteriormente impunha, sem o que os chefes e chefetes nazistas correriam o risco de uma desmoralização muito rápida.

A campanha contra os "judeus sem dinheiro" essa sim continua e nem era preciso dizer. É a tarefa do fascismo. E continua, não porque sejam judeus mas porque não têm dinheiro.

Os israelitas pobres são uma parte pequena da massa gigantesca constituída pelas classes trabalhadoras alemãs, oprimidas, privadas de todos os direitos, massacradas pelos fascismo retrogrado, sangrento e bestial.

Os "pogroms", em que as populações judias eram indistintamente massacradas, tornam-se cada vez mais raros em nosso tempo. A sua frequência na Rússia czarista, por exemplo, tem a sua explicação nas relações feudais de produção que então predominavam naquele país. A reação de um regime em decomposição (o feudalismo) contra as forças em ascensão do capitalismo era, na Rússia, um fator muito mais ativo dos "pogroms" que os preconceitos religiosos ou raciais. Hoje, repetimos, o "problema judaico" confundido-se com o problema da sociedade moderna.

A isso se reduz para nós, em linhas gerais, a debatida questão. E para o "Estado"? Ele está, certamente, com Hitler, que persegue Einstein e outros judeus, não por serem judeus, mas porque, juntamente com um numero infinitamente maior de não-israelitas se colocaram resolutamente ao lado das classes exploradas.

E estando com Hitler está com o banqueiro "judeu" barão Stein, em casa de quem os fascistas, juntamente com von Papen, tramaram a tomada do poder, assim como com o banqueiro "judeu" barão Schroeder, a que se refere este telegrama da Havas:

"BERLIM, 3 (H). — O sr. Adolfo Hitler deixou esta capital para visitar Colônia e Goldenberg.

É provável que o chanceler tenha ocasião de se encontrar durante a viagem com o barão Schroeder, afim de conferenciar sobre questões financeiras referentes à situação interna e externa".

Como vêm os leitores quem está com os "judeus" (de todas as raças) não somos nós e sim o "Estado". Não fosse ele o órgão mais representativo da plutocracia paulista.

MATTEOTTI E A REAÇÃO SANGUINARIA

A entrada do fascismo no cenário agitado da vida política moderna caracteriza-se pelos ridículos de ópera bufa, como a marcha sobre Roma, e pelas tragédias que culminam no incrível, como a dissolução violenta dos sindicatos operários, das associações proletárias de todos os matizes políticos do assassinio de políticos como o de Espartaco Lavagnini, em Florença, a 27 de Fevereiro de 1921, Di-Vanio a 25 de Setembro e Jorge Miller a 24 de Novembro do mesmo ano, Giacomo Matteotti, deputado socialista (faz hoje 9 anos), San Vito, torturado até a morte em Milão a 12 de Novembro de 1927, Gastão Sozzi assassinado na prisão de Peruzza a 6 de Fevereiro de 1928, o comunista Carlo Riva assassinado na prisão de Marzuca, em Genova a 19 de Abril de 1928, a condenação a morte de Della Maggiora, a 17 de Outubro do Maggiora a 17 de Outubro do mesmo ano, e etc., etc., ao infinito.

E que dizer do terror fascista em Bologna contra as massas trabalhadoras, a 20 de Novembro de 1924? Da prisão e tortura dos chefes sindicalistas de Turim, a 18 de Dezembro de 1924? Da destruição de 12 jornais, 311 organizações operárias, em Dezembro de 1924? Dos 119 assassinios políticos, de Novembro de 22 a Novembro de 23? Dos dez mil quatrocentos e quarenta e cinco detentos políticos até fins de 1925? Da supressão de toda a imprensa não fascista de 2 - 3 de Novembro de 1926? Da pena de morte instituída em 27 de Novembro de 1926 para defender a pessoa do rei, de Mussolini e de seus parentes? E etc., tragicamente etc., etc.

Que dizer dessa mata de vândalos, sedenta de sangue, que mata judeus, socialistas, comunistas, cristãos, democratas na Alemanha? Que dizer do estrangulamento das liberdades políticas

e públicas na Polónia?

TRAGEDIA E RIDICULO, eis o fascismo. Ridículos, os gestos, os ademanes e os aparatos dos seus chefes e do seu partido. Trágicas, as conseqüências do seu reacionarismo de hienas estomeadas.

Matteotti ficou como o herói-mártir das liberdades italianas postergadas, apateadas pelo fascismo. A sua morte pesará como uma ignominia sobre a Itália destes 12 últimos anos. Foi morto pela ceca — reprodução do delirio inquisitorial — porque socialista militante, ferreteava em denúncias flamejantes, os tentáculos do polvo fascista que se distendiam sobre a Itália, num amplexo pegajoso e sinistro de estrangulamento. Da tribuna parlamentar e da imprensa, esgremia a sua coragem indomita contra o tubarão reacionario que acabou por tragar, juntamente com a Itália inteira e que sustentado pela reação mundial, ainda se eleva no corpo deserrado do país retrotraído a uma nova escura idade média. No seu último monumental discurso, pronunciado no Parlamento Italiano a 30 de Março de 1924 e no qual em ímpetos de eloquência magnífica cauterizava a ferro em brasa a vileza política dos escravocratas fascistas, Farinacci, o homem do porrete, que foi bem o símbolo da Itália fascista, o apartava com estas palavras que envolviam uma ameaça de cumprimento imediato: "Nós vos faremos mudar de sistema". Não se passou muito tempo. A camorra de Mussolini liquidou o impavido parlamentar. Ele fôra a censura permanente, fervida, viva e intima-rata da tirania.

Matteotti não foi vítima de uma hemoptise, como quiseram, a princípio, (Continua na 2.ª pag.)

O Pacto Quadruplo

Os trens não chegam mais no horário

Quando Mac Donald foi à Itália, Mussolini mandou preparar uma recepção digna do "ilustre" visitante. Mas, desgraça das desgraças! O comboio que carregava a preciosa carga chegou em Genova com o atraso espantoso de uma hora e meia!

Parece que Mussolini ficou louco de raiva; pensou-se logo em atentados, em sabotadores, em inimigos de regime.

Porque, justamente, no feliz reino de S. M. Mussolini I os trens devem sempre entrar em horário, custe o que custar.

Dr. Elias Machado
Engenharia Civil
RUA LIBERO BADARÓ N. 30

Salchicha de cão, cruz gamada, etc.

O governo do Reich baixou um decreto proibindo o uso das cores e emblemas nacionais nos productos de fabricação alemã.

Esse decreto foi motivado — ao que nos informa um telegrama de Agencia Havas, via Berlim — pelo fato de haver um fabricante de salchichas de Francfort-sobre-o-Meno (não sabemos se por pilheria ou por espírito patriótico) lançado no mercado salchichas em forma de cruz gamada.

Hitler não gostou da brincadeira. Fechou o negocio do atrevido, baixou o decreto preventivo e, talvez, mandou o sujeito fabricar salchichas no outro mundo.

Teria sido ele enforcado numa cruz vástica?

Domingo ás 9 1/2 de manhã no Salão dos Graphicos

R. Barão de Paranaoplcaba, 4 2.º andar, terá lugar a

Commemoração de GIACOMO MATTEOTTI

Oradores:
Dr. Francesco Frola e Dr. José Pérez
director d'"O Homem Livre"

Quando o fascismo quer parecer humano...

Interessa-se pelos passaros, como se vê pelo seguinte telegrama enviado por Mussolini a uma sociedade inglesa:

"O respeito à vida dos animais é uma das mais nobres particularidades de todos os povos, e deve aplicar-se especialmente aos passaros, e convide os homens a imita-los, no que concerne, em primeiro lugar, ao problema da bola, segundo se depara destas palavras de um jornal católico de Udine, Itallia:

"Não tendes inquietudes exageradas. Deus então não alimenta os passarinhos? Pois eles não têm celeiros, nem cofres, eles..."

— no entanto vivem, não é verdade? Que solicitude e que mímosos exemplos, senhor Mussolini!

A TEORIA DO MATERIALISMO HISTÓRICO - N. BUKHARIN
Peça à Edição Caramuru, à rua da Liberdade n.º 100.
Preço 5800 — Porte 14000

Os fascistas alemães de Ponta Grossa e o von Hardt do Rotary Clube de S. Paulo

No sabado 27 de maio, os matutinos noticiaram a fundação do "Centro Hitlerista" de Ponta Grossa, transmitida pela Agencia Havas, e fundamentada numa correspondência telegrafica daquela cidade paranaense, para o "Diário de Notícias" de Porto Alegre.

Exatamente no dia do aparecimento do primeiro numero de "O Homem Livre", uma noticia de tal ordem veio dar mais força à razão de ser da existência desta tribuna liberal, de combate não só à implantação da reação social-nacionalista, como à infiltração injustificada, estranha e perversa, da propaganda fascista, italiana, alemã, austríaca ou que diabo seja.

E a imprensa amarela, que se não traçou um programa claro de orientação politica, a imprensa rotineira e acomodaticia, não se den ao trabalho de examinar com o comentario de seus jornalistas, o caso concreto denunciado pelo jornal gaúcho.

Admitimos a intromissão da propaganda hitlerista como quem admite ladrões disfarçados em casa...

Mas seria de todo ponto altamente interessante que a repartição competente abrisse um inquerito sobre essas incursões suspeitas, e pelas averiguações, até que ponto o imperialismo alemão pretende influenciar a parte do território brasileiro mais habitada por alemães, e a que sordidos manejos obedece essa infiltração, a qual já começa a contar com as "unanimidades" forçadas, dos nucleos da colonia germanica no país.

Aqui em São Paulo, mesmo, temos destacados membros da colonia alemã que já falam em nome dela sem que ninguém lhes tenha dado procuração... E, naturalmente, não pode haver protestos. Como fazê-los se os "vons" tudo podem e agem à vontade dentro do país, sem ter freios à sua admiração pelas virtudes dos governantes na "nova Alemanha"?

Reproduzimos abaixo a noticia do "Centro Hitlerista" de Ponta Grossa, conforme o despacho da Agencia Havas, de 26 do mez de Maio:

"Uma correspondência telegrafica de Ponta Grossa, publicada pelo "Diário de Notícias", de Porto Alegre, anuncia ter sido all fundado o "Centro Hitlerista" para propagação das idéas do

nacional-socialismo alemão. A essa nova organização, segundo a noticia, pertencem pessoas de destaque da colonia teuta, inclusive alguns ex-combatentes da grande guerra.

Diz ainda a informação: "A direção do "Centro Hitlerista" distribuiu aos alemães um longo questionario, que assim começa: "Seu pai e sua mãe são alemães? — O seu pai ou a sua mãe são judeus? — V. s. é socio da Loja Maçonica, do Rotary Clube ou de qualquer outra instituição? V. s. depois de ler este formulario fará parte da NSDAP? (Iniciais do Centro)".

O novo socio da NSDAP está sujeito a uma longa serie de obrigações de que destacamos as seguintes:

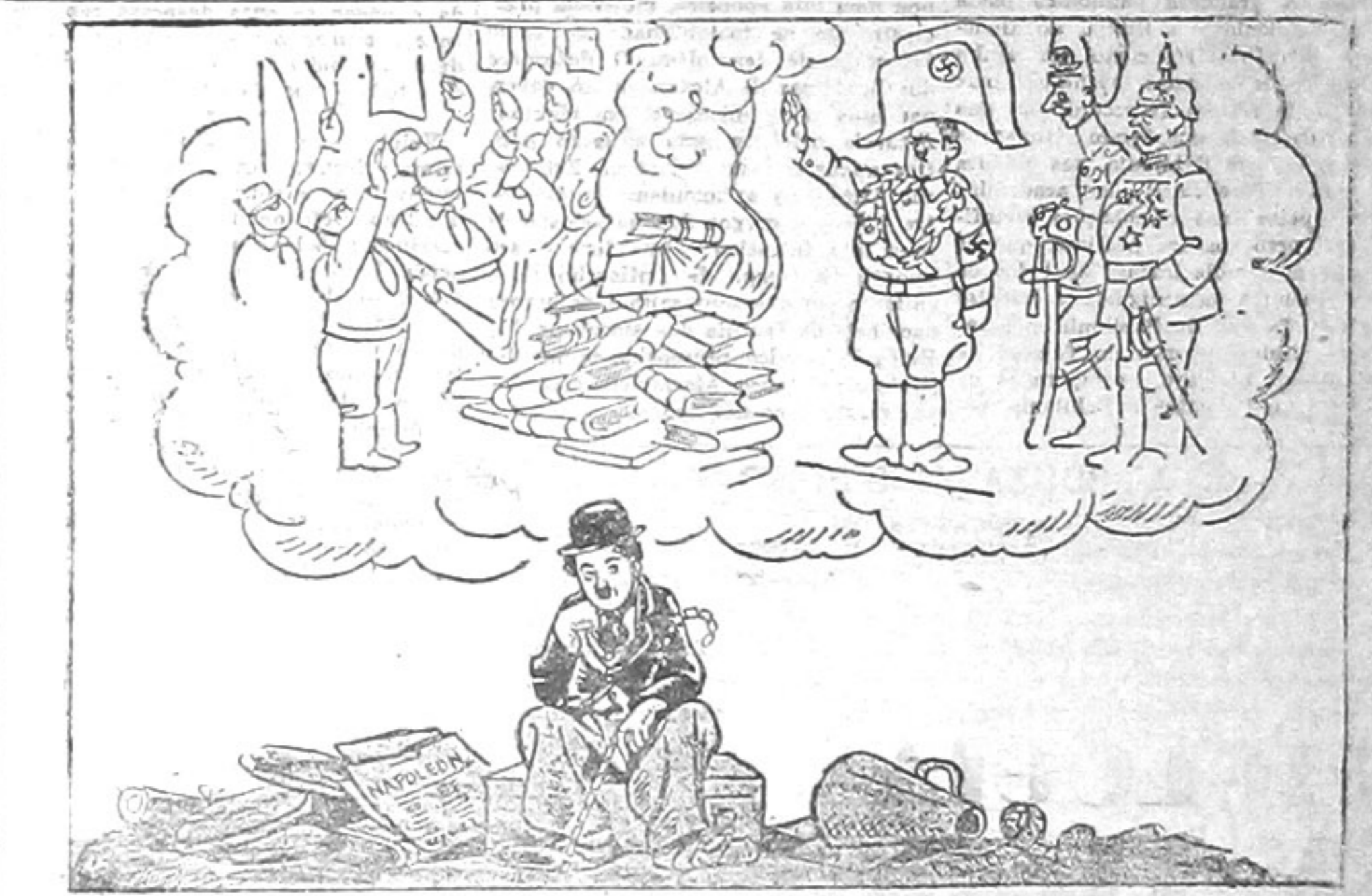
"Não adotar idéas materialistas e trabalhar pelo bem coletivo (preferir a ação à palavra). Adquirir, ler e estudar livros que propaguem as idéas do Partido Nacional-Socialista Alemão — Proibição, sem ordem do Centro, de correspondência com o consulado alemão — Proibição de correspondência com qualquer partido politico, seja ele qual for. — Não escrever para jornais da Alemanha ou de qualquer país sem autorização do director do Centro — Declaração de que está disposto ou não a reger sua vida segundo as normas pre-estabelecidas pela NSDAP.

Ha ainda um outro rol de informações, de posse da qual a NSDAP ficará sabendo de pormenores quasi intimos da vida de cada socio. O Centro Hitlerista por fim comunicará-se a as repartições competentes do Partido Nacional-Socialista na Alemanha, pedindo informações a respeito de cada novo associado."

Com essa noticia fica-se sabendo até onde tem de se espichar o servilismo dos alemães que querem fazer parte da ação internacional do hitlerismo no Brasil. É uma noticia que chega na hora.

E por falar em batatas, o sr. Richard von Hardt, que vestiu desde o primeiro momento da "vitoria" a camisa parda da propaganda hitlerista em São Paulo, ainda continua no Rotary Clube? Ainda continua na Associação Commercial do São Paulo? Então, sr. von Hardt?

OBSERVADOR



CARLITO: "Sempre me disseram que era impossivel representar um papel serio com um pequeno bigode como este..." (Do "Daily Express").

Antes do processo do incendiario do Reichstag

Novos esclarecimentos sobre a morte do Dr. Bell, assassinado por um destacamento nazista em territorio austriaco

"Alguns dias após o incendio do Reichstag, — conta "Monde" — o dr. Bell chegou ao National Klub, rua Friedrich Ebert. Encontrava-se ele já ligeiramente ebrio, e no decorrer da noite entregou-se ainda a copiosas libações. Em tal estado, ele fez confidencias a um dos membros do Partido Populista Alemão que, por essa occasião, não seria reeleito à sua cadeira de deputado nas eleições de 5 de Março. O dr. Bell contou a esse politico, de quem conhecemos a identidade mas de quem silenciámos o nome por motivos bem compreensíveis, que era ele Bell o verdadeiro autor do incendio do Reichstag.

E' tambem interessante lembrar a parte do chefe dos apadores bombreiros de Berlim, sr. Gemmp, o qual, apesar de sua longa folha de serviços irrepreensíveis, acaba de ser destituído

PELERIA BRASIL
Barão de Itapetinga
N.º 49
Teleph. 4-5099

de seu posto. E' que esse bravo funcionario estava sabendo mais do que era preciso. E eis o que:

1.º — No curso de uma conversa com os inspectores subalternos, o sr. Gemmp queixára-se amargamente de ter sido chamado tarde demais com seus homens no teatro do sinistro. Não foi sinão nessa circunstancia que ele podia explicar a presença de uns vinte homens da seção de assalto nos locais do Reichstag.

2.º — O sr. Gemmp queixára-se igualmente do fato de que Goering, commissario de Prussia, o havia expressamente prohibido de lançar imediatamente o signal de alarme geral para mobilisar todos os bombeiros da cidade de Berlim. Em seguida, não pôde ele reunir de pronto sinão um numero muito reduzido de bombeiros, e só muito mais tarde, quando uma parte do edificio já estava destruída, é que elle conseguiu receber todos os reforços de que precisava.

Flavio de Carvalho
Engenharia — Rua Pedro Lessa 2
Arquitetura moderna — 3.º andar
de decorações — Fone 4-7697
Orçamentos e fiscalização de obras

As explorações anti-semitas

JOSE PEREZ

SOB OS "PROTÓCOLOS DOS SABIOS DE SÍO"

III

DE BABYLONIA A ROMA CESAREA

Velho é o odio ao judeu. Nova é, porém, a palavra que o expressa. Antisemitismo — termo é criado em 1879 por Wilhelm Marr, como se pôde verificar na colossal Enciclopedia Judaica, volume II, cap. sob os "Antisemitismos", Berlin, 1928. É uma pirâmide de sapiência erudita, essa enciclopedia publicada em alemão, hebraico e idish. Gentilmente traduzi-me os tópicos de que necessitam para a composição da serie de artigos sobre o antisemitismo, da lingua alemã para o português, a senhorita Rita Toherkassky.

Antisemitismo não traduz bem a idéa do odio ao judeu. É palavra que significaria propriamente — odio ao semita. E, no entanto, tal não acontece. Não se manifesta, na Europa, animosidade ao arabe. Ela se faz sentir privilegiadamente — ? — contra o judeu. Antijudaísmo, é o que de vera de ser. O judeu tem sido alvo de perseguições do proprio arabe. Jean Izoulet declara que o antijudaísmo arabe é mais violento do que o cristão. Ha nisso, evidente exagero. Mas seja como for, semitas e arianos se tem lançado contra o judeu. O marroquino guarda ressentimentos extremados, de ira velha, contra o judeu. É o que convene da não existencia do antisemitismo. O que ha é unicamente antijudaísmo. A expressão, todavia, tomou foros de idade e impoz-se. Não ha mais recurso do que aceitá-la, fazendo, contudo, constar o erro.

Motivos de ordem economico-social originaram sempre perseguições contra os judeus, afirmamos e agora repetimos. As invocadas razões religiosas — pelo cristianismo com especialidade — e as de ordem racial apresentadas pela vesania hitleriana, não passaram de mascaras para esconder as verdadeiras razões do fenomeno.

Antes, muitos seculos antes do advento do cristianismo, o judeu tributo com a vida, com os bens, com os interesses pelas más situações sociais e economicas dos povos.

BABYLONIA conheceu os judeus desde os tempos mais recuados. De Ur, na Chaldea, partiram os judeus como de habitat primitivo. Varias vezes os poderosos reis assirios, em suas marchas guerreiras, saquearam e depredaram a faixa estreita de terra, na Asia Mediterranea, onde se localizaram os judeus — a Filistea, depois Palestina. A grandeza babilonica passa pelos versculos da Biblia, do Genesis e dos Profetas, como um sonho quimerico de legendas orientais, mas também lá restam as recordações das barbaridades de que foram vítimas os judeus. Foi em Babilonia, nas cidades de Sura e Pumbedita, em academias seletas pelas suas elocucões metafisicas e preocupações praticas, que se formou essa mole imensa de todos os conhecimentos da antiguidade oriental que é o Talmud de Babilonia, por todos os titulos superior ao Talmud de Jerusalém. É claro, comparados os dois países, Palestina e Babilonia, re-

sulta que este fica ha muitas leguas superior áquela. Babilonia era um meio intelectual e materialmente superior centenas de vezes á pobre e fraca Palestina. Mas as glorias judaicas de Babilonia foram compensadas por bestiais sacrificios que no seu debater de morte o poderoso imperio obrigou aos judeus. As divisões de classe em Babilonia, a exploração das satrapias aos escravos jungidos ao ferreo trabalho dos senhores dedicados dos zangurás — os maravilhosos palacios de sete andares fantasticamente ajardinados — as empresas guerreiras para a conquista de botins, deram um dia em terra com Babilonia, a grande prostituta, como a fustigava a palavra ardente do mais corajoso dos profetas — Gerasias. A queda de Babilonia trouxe a morte de milhares de judeus. Nas cidades do velho imperio oriental, a decomposição politica tronxe como consequencia aos judeus, seus habitantes um extermínio de demencia atroz.

No EGITTO, donde viera Habraão em peregrinação, se estabeleceram os seus descendentes, fugindo ás agruras do queimar deserto. No esplendor egicio, as populações escravizadas que trabalharam as pirâmides, os lagos artificiais, os canais de irrigação da terra combusta, os obeliscos monumentais, os labirintos onde os passos se perdiam numa intrincada complexidade de corredores inacabáveis, as salas hipostilicas, os mausoleus dos Matarazos antigos — mastabas — por força da escravidão bem equilibrada dos tempos normais de prepotencia absoluta dos faraós, fez que o judeu durante algum tempo tivesse na terra adventicia vida larga e boa. Mas a ha se começou a tomar conciencia da sua exploração miseravel e um dia a harmonia de classes se quebra no Egito. Começam as angustias sociais da época. As perseguições sobre os judeus se desencadela, acusados, por exemplo, de envenenarem os poços de agua sablora. E afinal os governantes do Egito cometendo talvez o mesmo erro dos governantes insulares ao findar do seculo XV de Cristo, expulsou para o deserto a tribu maldorada. As chamadas dez pragas do Egito lembram perfeitamente as acusações que os nativos assacavam aos judeus.

Na PERSIA e MEDIA um relato fantasista e blotrado das perseguições aos judeus encontra-se no livro biblico de Esther, a rainha. Haman, longiuquo predecessor de Hitler argumenta com Assuro o rei a matança geral dos judeus de Susa, a capital.

Na GRECIA se conhecem as más furentes perseguições aos judeus ao tempo do seu ocaso nacional e politico. O encontro das duas civilizações antagonicas — a Helenica e a Jndaleica — começada na conquista de Alexandre tres seculos antes de Christo, determinou uma luta epopeica, motivada principalmente na instabilidade do reino Selencida de Jerusalém. O desespero dos herdeiros de Alexandre em governar uma terra miseravel em riqueza; naturais originou uma situação politica angustiosa na Palestina. Esta razão ligada ao antagonismo racial entre judeus e gregos deu na eclosão de uma luta intestina e que teve o seu apogeu ao tempo de Antiocho II, a epifânio em que sobressalram os heroes nacionais da familia dos Macabeus. No Egito Tolomaco presencio-se no declínio da famosa Alexandria espantosos morticínios dos judeus.

Matteotti e a reação sangüinaria

(Continuação da 1.ª pag.)

fazer crer, os seus desalmados e covardes assassinos. Foi morto pelos fascistas italianos, como Rathenau, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, "o hero immortall", o foram pelo fascio alemão.

Paolo Valera escreveu: "Jamais houve tanta emoção. Ha dois cemiterios de assassinados nestes dois ou tres ultimos anos, mas nenhum homicidio levou a tal grau a angustia publica, como este crime selvagem."

Nasceu Matteotti a 22 de Maio de 1885 em Frotta Polesina. Era de familia abastada, originaria do Trentino. Estudou no Liceo de Rovigo, e depois na Universidade de Bologna onde se diplomou em direito. Era um espirito pratico, positivo exato, que se comprazia nos argumentos com base nos factos, nas cifras e nas estatísticas. Sob os auspícios de seu irmão, dr. Matteotti ingressou no Partido Socialista Italiano, de que se fez um dos más zelosos militantes. Em 1914 tornou-se um paladino afervorado da não entrada da Italia na sangüaria imperialista. Em 1916 discursou no Conselho Provincial contra a guerra, do que lhe advem uma condenação por derrotismo. Foi absolvido pela Corte de Cassação que invocou em seu favor a imunidade oratoria de membro do Conselho Provincial. Nos ultimos anos da guerra esteve preso num campo de concentração ingles, por suas idéas políticas. Acabada a manança voltou á Italia sendo eleito em 1919 deputado de Rovigo. Reeleito em 1921, tornou-se respeitado á Camara, principalmente por sua autoridade tecnica em questões financeiras e economicas.

Por defender os camponeses, tornou-se odiado dos agrarios. Expulso da sua terra natal, Polesina, lá voltava, com risco da propria vida, secretamente, para visitar sua mãe e seus camaradas socialistas. "Porque esse temperamento de acção, diz Roy, mas de apparencia fria e científica, possuía a más viva sensibilidade."

Giovanni Zibordi, citado em Roy, querendo expressar a agilidade mental e politica de Matteotti o comparou a um espadachim espanhol. — "Eis o que era Matteotti na arena parlamentar, exclama Zibordi, vivo, pronto, vigilante, egremista, direito e audaz, sempre armado de documentos e dados, de raciocínios e de golpes oportunos e de adequadas respostas. Era um lutador audacioso, em todos os sentidos excelente, da palavra."

E os fascistas queriam desculpar o seu medonho crime, atribuindo-o a uma hemoptise. Hemoptise? Como? Perderam a razão esses desarticulados morais! Hemoptise num homem de incriveis atividades?... A vida de Matteotti era o movimento politico, incessante e turbilhante. Quiz sair da Italia e lhe negaram os passaportes, atemorizados que documentasse em face do mundo o despotismo fascista.

No Congresso de Bruxellas profetizava a internacionalização do fascismo. E dizia: "Alfóra a experiencia puramente italiana, ha, no fascismo algo internacional. No dia em que, depois da guerra, a burguezia foi chamada a pagar as suas despesas rebelou-se e procurou o seu sustento na ditadura. Defendei as vossas liberdades com toda a vossa energia."

Volpi que dirigia a perpetração do crime declara que Matteotti resistia impavido ao ataque. Defendia-se como um leão. Defendendo-se, gritava: "Assassinos! Selvagens! Covardes!". E depois Volpi: "Não teve Matteotti um momento sequer de fraqueza para pedir piedade." E exclamava Matteotti segundo o depoimento de Volpi: "Matame, mas a idéa que está comigo não a matareis". Declarou ainda mais Volpi que si Matteotti implorasse misericórdia tel-o-lam deixado viver. Porém Matteotti fôra corajoso diante da morte. E suas ultimas palavras foram segundo ainda o seu algô: "Minha idéa não morrerá, meus filhos glorifiquem seu pai. Os trabalhadores abençoarão o meu cadaver." E morreu gritando: "VIVA O SOCIALISMO!"

J. P.

OS INTELLECTUAIS E O FASCISMO

A Alemanha está nos fornecendo um exemplo espantoso de opressão a que está fatalmente destinado todo país que procure se salvar pela obstinação nacionalista. Esta, utiliza — ou provoca — todos os pretextos e qualquer meio, por iniquo que for, pois para ela tudo é bom. Essa politica leva, necessariamente, á guerra. Os que pretendem querer evitá-la, no fim terão de admitir que sómente a luta de classe, isto é, a luta de cada país contra o proprio imperialismo, pode abafar o novo conflito, que se está preparando e que desta vez seria mortal.

ANDRÉ GIDE

O aspéto olfativo do problema racial

O Instituto alemão de pesquisas raciaes acaba de inscrever em seu programa o problema do cheiro humano. A proposito do "Magya-Hiclap", de Budapest, escreve as seguintes considerações, que transcrevemos: "A questão do cheiro do corpo humano e de suas particularidades raciaes já possui, com effeito, toda uma literatura, devida aos hitleristas. Essa literatura tem os seus classicos, dentre os quais os más illustres são Gunther Fischberg e Hennig. O primeiro des cobriu que cada raça possui seu cheiro especifico, mais ou menos pronunciado, e que deriva, em parte da hereditariedade, em parte do meio. Assim os ancestrais, não são os unicos responsáveis do cheiro emanado pelo corpo de um homem pois que sua habitacão, seu alimento, seu vestuario, etc., contribuem também em idêntica proporção. Fischberg precisa suas leis gerais á luz das teorias hitleristas. Certamente, diz ele, as raças se distinguem nitidamente do ponto de vista olfativo, pois que cada uma tem o seu cheiro especifico, mas é indiscutivelmente o dos judeus que é o más forte. De fato, o cheiro dos negros é mesmo agradável perto das emanacões que se desprendem do corpo de um judeu. Si o sarianos toleram ás vezes a vizinhança proxima dos semitas, é unicamente porque estes se perfumam abundantemente.

Um outro perito em matéria de ra-

ças, Herr Ellis, chama a atenção dos jovens que desejam casar-se, sobre o rol do fator olfativo na vida conjugal. É de fato uma coisa bem triste para um ariano ou uma ariana ser constrangido a suportar, durante a vida toda o cheiro semítico do conjuge ou da conjuge.

É interessante lembrar, a esse proposito, o estudo de um sábio japonês o professor Adachi, tratando do cheiro dos povos europeus. O autor declara que o japonês transplantado num meio europeu, sente-se, nos primeiros tempos, fortemente incomodado pelo cheiro dos brancos. Atribue ele esse fato a uma transploração más intensa nas raças brancas.

No imperio do Sol Levante não se aprecia nada as pessoas que transpiram. A transploração é tida lá como uma verdadeira enfermidade; o homem que dela estiver affto é no más das vezes reformado pelo Conselho de revisão, e a mulher encontra mil dificuldades para conseguir casamento.

Ao termo de seu estudo, o professor Adachi concluiu pela semelhança, sob esse ponto de vista, de todos os povos europeus, a tal ponto que não se poderia, diz ele, distinguir só pelo cheiro um italiano de um escandinavo.

Não é essa, no entanto, a opinião dos nazistas, os quais, parece que são dotados de um olfato particularmente sensível ao cheiro racial.

0-0-0

QUEIMA DE LIVROS

A hora da boçalidade chegou

Traduzimos, a seguir, de "Le Temps", o conhecido órgão do extremismo... conservador de França, a narrativa feita pelo seu correspondente particular em Berlim, do auto de fé levado a cabo pela mocidade hitlerista sobre livros impressos de ciencia, literatura e arte. A modos que o hitlerismo leva além do fascismo o odio ás bibliotecas.

"Hontem, á noite, os estudantes queimaram, solenemente, em presença de enorme multidão, os 20.000 volumes que haviam apreendido. Tóros de pinho tinham sido amontoados na praça entre a Opera Nacional e a Universidade, na extremidade da grande avenida Unter den Linden. A's 22 horas desfilou uma delegação de estudantes, precedida de uma banda de musica das seções de assalto. Pouco depois, grande cortejo entrava na praça, formado de estudantes vestidos de traje de gala de sua corporação, todos munidos de tochas. Os bombeiros encheram-se de petroleo a fogueira e acenderam-na. Caminhões transportaram então os livros e os estudantes fizeram cadeia para os lançar nas chamas. Cada vez que um amarrado era precipitado no fogo, os estudantes e a assistencia rompiam em hurras entusiasticas.

Entre as obras entregues ao auto de fé figuram as de Emil Ludwig, Stefan Zweig, Maria-Erich Remarque, numerosas obras de escritores franceses e ingleses e livros scientificos sobre problemas sexuais. Um estudante carregava, na ponta de uma vara, o busto do dr. Magnus Hirschfeld, fundador do instituto das ciencias sexuais, o qual também foi lançado ao fogo."

Em seguida a essa monstruosidade, digna dos antepassados dos alemães que habitavam as florestas, antes de Cristo, á meia noite exatamente, chegou o sr. Goebbels, instalou-se deante de um microfone e dejetou o seguinte bestialismo em que se encontram varias boçalidades autenticas: "A hora do intelectualismo passou. O triunfo da revolução alemã libertou a rua. Esta revolução não veio de cima mas de baixo. Não foi ditada, foi o povo que a quiz. É, em toda a extensão da palavra, a realização da vontade popular. As revoluções, quando de verdade, não param em parte nenhuma; as revoluções são a manifestação de idéas novas; devem abranger todos os dominios da vida publica. Um revolucionario deve poder tudo; deve ser tão grande na demolição quanto na reconstrução. Se vos arrogais o direito de queimar imundícies intellectuais, tendes o dever de abrir caminho para um espirito verdadeiramente alemão."

Traduz-se isso de "Le Temps" de 12 de Maio. Em o n. de 13, o mesmo jornal noticia que essas queimas de livros se realizaram, como em Berlim, em numerosas cidades da Alemanha, como sejam: Munich, Dresde, Nuremberg, Breslau, Bonn, Francfort e Koenigsberg. Em toda parte, os autos de fé foram acompanhados de manifestações e discursos dos reitores ou professores, marchas "aux flambeaux" dos estudantes, etc. Acrescenta, porém, que livros ingleses e franceses não foram queimados em Berlim.

Segundo o mesmo jornal é enorme, em toda a Europa civilizada, mormente entre os povos escandinavos, a indignação contra essa resurreição do espirito dos vandalos, depois de tantos seculos de sofrimento em prol da cultura humana. O que se vê de tudo isso é que o hitlerismo é o regime da força bestial, modalidade patologica do orgulho dos "junkers" que levaram a Alemanha á grande guerra e á ruína. Onde a levaram o hitlerismo só o tempo poderá dizer.

B. B.

CINEMA

"O FUGITIVO"

Mervin Le Roy

Mervin Le Roy — nome quasi novo nas grandes batalhas cinematograficas — perdeu, com "O Fugitivo" a oportunidade de se alinhar definitivamente ao lado das grandes capacidades orientadoras do cinema; ao lado dos Eisenstein, dos Murnau, dos Paust e dos King Vidor.

Ele tinha, diante dos olhos insaciáveis dos objetivos, toda uma vida real, um fato social da más profunda dramaticidade e do más palpitante realismo.

Não precisava alterar nada do livro de Elliot Burns — era só abrir á pagina um e confirmar filmando até o fim do livro.

O objetivo realismo que faz gritar Elliot Burns, contra a "civilização" contemporanea, e o que esse mesmo realismo significa em suas consequências logicas escapou a Le Roy, no que diz respeito ás premissas sociais que o filme, claramente, encerra em si mesmo.

Possuindo, no "O Fugitivo" um material cinematografico enorme e possibilidades de realização ainda maiores é de extranhar como Le Roy, se tenha — no episodio do retorno voluntario do ex-forçado á penitenciaría — delatado dominar, si bem que temporariamente, por fatores psicologicos e morais, ainda vivos nos Estados Unidos, e que por exemplo não apparecem ao desfecho terrível, anti-puritano, anti-romantico e logico do filme.

O espirito "quacker" — que não existe no romance vivido e no romance literario de Elliot Burns — e apparece no filme, inesplicitamente, para a maioria dos espectadores, é o resultado de um fato extranho ao filme.

Foi um elemento alienigena, encravado na sequencia do filme pela vontade — com certeza — do diretor da casa produtora.

A fabrica produtora de filmes deve, obrigatoriamente, subordinar o produto artistico á condição de mercadoria e, consequentemente, prepara-la ao gosto do publico que a consoma em maior escala.

No caso, o publico era o americano, que rende, sozinho, 70% do lucro das sociedades cinematograficas. Por isso o filme adquiriu, em parte, o espirito peculiar ao conservadorismo estadunidense.

E ha mais. A Warner Bros. — casa produtora do filme em questão — foi processada pelas autoridades estaduais da Georgia por haver adaptado o livro de Elliot Burns á cinematografia, sob a alegação de que eram falsas as informações sobre as atrocidades cometidas nas penitenciarías daquella Estado.

Este fato está enxertado no proprio filme, e apesar de ter sido um fato real, não deixa, — como a questão do coiza extranho ao filme.

Si esses dois fatores — espirito comercial sujeito aos preconceitos do publico que más rende, e espirito de reclame ao produto — não tivessem exercido nenhuma influencia sobre o filme, o "Fugitivo" teria entrado no rol dos capolavoros que desde "Lirio Partido" até "Deus Branco" e "Turbilhão da Metropole", constituem as etapas decisivas da más nova e da más social das artes.

Porque "O Fugitivo", é, como cinema, de uma peça só, desde o principio até o fim, alcançando a sequencia objetiva e maravilhosa que King Vidor conseguiu em "Turbilhão da Metropole". A sincronização é perfeita. O canto dos penitenciaríos, na pedreira, é profundamente humano, inesquecível.

Paul Muni teve uma atuação tão pessoal, tão forte que ás vezes o espectador chega a se esquecer do filme para "vê" sómente a arte dele.

Como tendencia "O Fugitivo" marca más um decisivo passo, é más uma vigorosa afirmação do "cinema-artesocial", para o qual estão indubitavelmente enveredando todos os maiores diretores da cinematografia mundial, depois que o creador do cinema-social, Eisenstein lhes abriu caminho. E é o que más importa.

BIOLOGIA

A Definição da Especie

No dizer dos naturalistas, a especie é o conjunto dos individuos que tem entre si a possibilidade de produzir descendentes fecundos.

É a definição classica, e os exemplos citados para apoiá-la são geralmente conhecidos: sabemos que o burro e o cavallo pertencem a especies diferentes porque a mula é infecunda.

Vejamos agora como essa definição, que parece de uma exactidão rigorosa, na realidade se restringe e despedaça num certo numero de excepções, resfando da noção de especie, em ultima analyse apenas um esqueloto nominal.

Todas as definições que é possível formular sobre a especie tornam-se muito indeterminadas.

Se é verdade que as especies apparecem por mutação e se conservam por hereditariedade, ha, para o isolamento, limites imprecisos.

A NOÇÃO DE ESPECIE DEVE SER REVISADA

A especie é isolada no seu quadro,

mas não com rigor absoluto. Trata-se por conseguinte de revisar a noção de especie na sua concepção classica.

Mas como estas noções apresentam certa difficuldade, relatemos aqui alguns dados de observação.

Certas especies, possuindo o mesmo aspecto exterior, os mesmos caracteres morfologicos, são no entanto sexualmente separadas.

A pereira e a macieira parecem especies extremamente vizinhas; porém não ha entre elas nenhuma possibilidade de fecundação.

A proposito de mutações, citemos as experiencias de Jordan: Jordan, cruzando varios amores-perfeitos de campo, tão vizinhos no aspecto que sómente um naturalista treinado conseguiria distingui-los, obteve dessa união híbridos completamente estereis. Tratava-se portanto, segundo a definição classica, de especies diferentes.

Ao contrario, especies aparentemente muito distantes são fecundas

entre si. Desta forma é possível obter diversos cruzamentos fecundos entre cães, lobos, chacais, cães polares, dingos da Australia.

É possível obter híbridos férteis cruzando o macho de uma especie com a feméa de outra, enquanto que o cruzamento inverso permanece infecundo.

Pódem-se verificar todos os intermediarios. Passa-se insensivelmente das especies, cuja mínima aproximação é impedida por uma repugnancia invencível a todo artificial, ás inter-estereis, para acabar nas que sentem atracão sexual e são completamente inter-fecundas. A repugnancia de certas especies em se unir não significa esterilidade.

A fecundação artificial dá resultados entre o rato e camandongo. Mas não é possível uma aproximação sexual entre essas duas especies.

DISCUSSÕES E INCERTEZAS

Questão de clima e de habitat também. Em determinadas localidades, especies muito vizinhas não se jun-

tam e chegam mesmo a manifestar certo afastamento sexual, enquanto que em outro lugar juntam-se e reproduzem-se.

De fato, essa barreira entre as especies é tão pouco fixa, que os classificadores não conseguem se pôr de accordo e passam o tempo levantando repartições que o vizinho se apresara em desfazer.

Citam-se apaixonadas discussões de botanistas ingleses, que não conseguem classificar as sarças e os salgueiros de uma mesma região. All onde alguns englobam todas as plantas numa unica especie, outros distinguem vinte especies diferentes.

Nom é menor esta incerteza no campo zoologico. Entre alguns simios da Africa, os leucopitécos, não se admitem atualmente más de dez especies, quando classificadores anteriores contavam nada menos de cento e cincoenta e nove.

Em suma, a classificação é apenas uma subdivisão comoda; mas desde

(Continua na 4.ª Pagina)

TULHA SECADEIRA SALVADOR PIZA

1933

Reforçada — De peroba — Mais facil de armar e manejar
Já appareceram cafés estritamente molles da presente safra, sóccos na



TULHA SECADEIRA SALVADOR PIZA

Rua Libero Badaró, 30 — São Paulo

BIBLIOGRAFIA

O Dr. Otavio de Faria escreveu um livro para convencer e converter

TEODORO GALVÃO

Todas as vezes que as contradições econômicas se intensificam, aparecendo mais clara a luta entre as classes surgem organizações políticas de vários matizes, que geram planos fabulosos de salvação e que abortam exploradores deliriosos, filósofos de fanfarras, esvaziadores stuidos, que dizem coisas imensamente engraçadas. Pretendem todos salvar a situação. Todos querem converter. Com "este espírito" surgiu ultimamente "Destino do socialismo" do bacharel Otavio de Faria.

O autor inculca-o como um livro de crítica, de fé anti-socialista que visa "convencer e converter". Como todos os livros deste genero. E sendo um livro "essencialmente de sinceridade" é feito sobretudo para os que pensam de uma forma oposta à do bacharel-cientista.

A sua "posição anti-socialista" é um mareo de partidas... para traz.

Antes dos "primeiros dias de mocidade", "ha varios anos", o futuro estudante de Direito sofreu a influencia de uma educação católica que mais tarde foi melhorada, possivelmente, pelo sr. Tristão de Ataide.

Sem conseguir afastar realcaes que esta educação lhe imprimiu, leu, na sua adolescencia intraquila, certas obras que lhe deram "momentos de entusiasmo por este ou aquele ponto do programa socialista que lhe parecia então uma reacção aceitavel e desejavel contra certas immoralidades da concepção burguesa da vida."

Nesta época sorria com superioridade dos jornalistas burgueses.

Depois... o conhecimento do assunto que até então "ignorava", a visão mais ampla do movimento inteiro, "a capacidade de julgamento e de coerencia consigo mesmo", que os anos lhe deram, levaram o bacharel a implantar o tal marco, donde deveria partir para ensinar aos homens o destino do socialismo.

Antes, empanturrara-se de leituras. Leu com voracidade. Tremendamente. Desde Aristoteles até Zinovief, passando por Hitler e Mussolini. Um colosso!

Mas o livro safu!

Não quero analisar este portento: o meu tempo é bastante escasso. Uma pequena amostra apenas.

E o homem como Deus o fez. A natureza humana divinamente elaborada será incapaz de se adaptar ao socialismo, obra de misificação velha como os tempos. A opressão de uma classe pela outra é consequencia logica da propria natureza do homem.

Uns terão que dominar, outros terão que ser dominados.

O socialismo é a rebelião contra este estado de coisas pré-creado.

E "o primeiro homem que, deante da situação creada pela coexistencia social, se revoltou contra a posição de inferioridade e de fraqueza em que uns estavam em relação aos outros, este homem foi certamente o primeiro socialista."

Assim falou o bacharel Otavio de Faria.

E depois de dizer que a revolta do primeiro socialista não foi contra os que mandavam, mas contra a invencivel impossibilidade de igualdade entre os homens, escreve que dentro do espírito católico foi a revolta contra o homem tal qual Deus o criou.

Ora, Cristo foi sem duvida alguma, embora promettesse um reino sobrenatural, não importa no caso, Cristo foi um revoltado contra o estado de coisas da sua época. Foi um revolucionario do seu tempo, um socialista legitimo, segundo a conclusão do sr. Otavio de Faria.

Mais adiante, o notavel filosofo, para cimentar as suas convicções, procura na historia divina o mesmo estado de coisas que oferece a historia dos homens.

E conta a precipitação das alturas do socialista Lucifer, que atentara contra a autoridade divina tal e qual acontece por vezes entre as republicas da America do Sul. E indaga se Lucifer não se aproxima de Marx!

Mas, antes de Marx, o socialista revoltado foi Cristo, sempre a obra do sr. Otavio de Faria. A que conclusões tremendas chegou o filosofo.

E um livro para "convencer e converter".

MUSSOLINI E OS MILHÕES DE MORGAN

WASHINGTON, 7 — Aos poucos vão sendo descobertos os meandros da verdadeira organização das empresas Morgan, sobre cujas atividades se está procedendo a rigorosa investigação.

O senador Reynolds fez revelações sensacionais, ao dizer que entre os "fregueses privilegiados" daquela casa bancaria figuram o sr. Mussolini, chefe do governo fascista, o rei Alberto da Belgica e varios politicos franceses.

ARTE

KATHE KOLLWITZ "a interprete poderosa da revolta dos miseraveis, dos oprimidos, das vitimas das guerras".

Um esforceio de memoria e me lembro dos nomes grandiosos. E' Kollwitz, Grossmann, Dix, Grosz, Fellingner, Hofer... Mas Kathe Kollwitz, de que o Club dos Artistas Modernos está realizando presentemente uma exposiçao de desenhos, aguas-fortes e litogravuras, ocupa um lugar maior de todos na minha sensibilidade. Entretanto, foi uma simples litogravura, "Crianças com fome na Alemanha" é um desses espetaculos que nunca mais sairão de mim. Estas crianças não poderiam passar fome. A artista esparramou na pedra alguns traços fortes e expressivos e a obra de arte, escrita com o conhecimento de uma mulher revolucionaria, safu plena de conteúdo ideologico, vibra como um grito de protesto, uma palavra de ordem num comicio de greve.

As crianças da Alemanha não podem passar fome, sr. Hugenberg!

Kathe Kollwitz é hoje a professora de arte grafica expulsa da Alemanha pela estupidez massica do "Fuhrer" cretinizado. Mas os seus manifestos formidaveis traduzidos na linguagem quasi concreta de seus trabalhos, correu mundo. Aqui velu para uma colleção grande deles, e é com o respeito mais profundo que se visita esta exposiçao. Não se trata de nenhum cabotinismo, de nenhuma exposiçao artistico-decorativa, de fclção mundana e objeto de cronica social.

Se trata de uma açao de valor artistico-revolucionario, e seu principal interesse reside, principalmente, neste

carater profundo, severo e retillneo da obra da notavel artista. Kathe Kollwitz fotografou, parou no fundo inanimado de seus desenhos, os aspectos da vida tragica dos que serviram de carne de canha na guerra do ultimo Imperador alemão, dos que sofreram fome, dos que ficaram desempregados, em torno da cama chela de crianças — as crianças pobres da Alemanha — onde a mulher doente, olha para um futuro sem nada.

Si é verdade que a técnica desta artista é boa, por expressar de maneira a mais completa e realista o objetivo que ela tem em vista, não é menos verdade, e muito mais importante, que a sua valorização se faz pela soma formidavel de protesto que ella põe na boca, nos olhos, nos gestos, nas figuras que enchem os pedaços de papel assinados pelo seu nome simples: Kathe Kollwitz...

E eu escrevi esta cronica ligeira.

As crianças da Alemanha estão com fome, enquanto o sr. Hugenberg enche a panca e joga o palhaço do "resurgimento" da Alemanha a equilibrar-se nos pés de barro do social-nacionalismo, manchado de sangue e mergulhado no obscurantismo de um novo medioevo.

Um dia a Alemanha viverá de novo. E' o que eu penso diante desta interprete poderosa da revolta dos miseraveis, dos oprimidos, das vitimas das guerras.

GERALDO FERRAZ

A COBRA FACISTA E A MOCIDADE

A questão social não é uma simples brincadeira esportiva, dependente, apenas, de encasnar-se o militante inconsciente da camisa branca, azul, cor de rosa ou azeltonada e de esconder dentro dessa camisa, o punhal criminoso e o veneno.

A questão social é séria, é a propria vida, importa em compreender quais devem ser verdadeiramente os destinos da humanidade, no sentido de pôr à margem todos aqueles lusosatos que espelham o momento propicio em que se lançarão as praticas sanguinarias de estrangulamento da vontade dos semelhantes, para prevalecimento feo da propria vontade, arbitrarla e unilateral, na defesa de grupos usurpadores e não da maioria conciente e produtora.

Enquanto os governos nadavam na abundancia dos empréstimos e governavam ante a indiferença da maioria, mais ou menos satisfeita, ou na esperança de se satisfazer, a questão social podia ser encarada e discutida por sociólogos de fancarta, por demagogos de toda especie, por aproveitadores dessa indiferença e dessa aparente abundancia.

Mas quando, em consequencia mesmo dessa "bonança" as condições economicas fazem, aos poucos ou rapidamente, de cada individuo, sem excepção, um interessado pelo caminho por que possa enveredar o seu proprio destino, que é um reflexo do destino de toda a nação, a questão social se torna cada vez mais uma questão de vida ou de morte. Ou a cobra engole o coelho fascinado, ou o coelho consegue fugir e a cobra desaparece...

Chegamos à época em que os regimes falsos estão falidos pela impossibilidade dos empréstimos, não se pode mais confiar nas simples e formais promessas dos programas enfeitados, fingindo-se audaciosamente de grandes e solucionadores. Quanto mais teatrais os gestos, com maior reserva devem ser recebidos. Porque sem duvida, a verdade e a razão não necessitam de teatralidade para se impor, bastando-lhes para isso que sejam a verdade e a razão e possam ser expostas calma e claramente. Os politicos teatrais, são justamente essas cobras matreiras, os quais, certo de ante-mão dos motivos legitimos que os levam ao bote, procuram substituir a fraqueza moral pela fascinação das cores e da força. Ou a cobra engole o coelho fascinado, ou o

coelho consegue fugir e a cobra desaparece...

Na Italia, na Alemanha, em toda parte por onde o fascismo levanta o corpo informe, agitado em camisas furta-cor, os seus "líderes" procuram dilgrir-se sempre à mocidade, aos jovens facilmente entusiasmaveis, evitando o quanto possivel que eles se ventilem a questão social e destinando aqueles que têm sede de leitura, outros livros, em que a questão social é apresentada sob forma irreel, apalhadamente alterada.

Aos moços, portanto, aos jovens ainda suscetiveis de serem julgados pelo fascismo como agitateis coelhos à espera simplesmente da fascinação das paradas, dos gestos teatrais, das camisas coloridas e das aventuras sanguinarias, é a esses jovens que nos dirigimos, não para pedir-lhes pura e simplesmente que detestem o fascismo somente porque nos têm, mas para pedir-lhes, tambem pura e simplesmente, que leiam, que procurem conhecer a verdade onde quer que ela se encontre, mas leiam tudo quanto se refere à questão social, aqui, na Alemanha, na Italia, na França, em toda parte, mas façam um estudo serio, de quem deseja aprender, de quem tem intenções de se tornar um individuo apto à sua propria defesa, ajudando a defender a coletividade, nesta fase, mais do que em qualquer outra, à mercê das cobras hitleristas ou mussollanas. Porque somente lendo, discutindo, aceitando para analise as razões de tudo quanto se lhe apresenta de serio, e não se fechando no exclusivismo das convicções de um homem ou de grupo, é que podemos discernir, chegar à conclusão exata, ou pelo menos, menos errada saber quem tem razão, quem tem direito porque já tem deveres, etc.

Estão se convencendo os jovens: quem está com a razão e, portanto, a

Paratodos
FABRICA DE MALHAS

Rua Ribeiro Rumo, 47
Tel. 5-1075

PELES KLIASS

Ultimas novidades em manteaux.
Jaquetões, Capas, Echarpes.

Itapetininga, 44 — Tel. 4-4517

As atitudes do jornalista Oswaldo Chateaubriand, o cristão novo do integralismo em S. Paulo

As atitudes do jornalista Oswaldo Chateaubriand, o cristão novo do integralismo em S. Paulo

Adesiva no azeltonamento cambaleio do integralismo, porque a glorificação que s. s. faz do Estado sul-americano mais perfeitamente governado, envolve a Venezuela "dirigida" por um ditador de vontade, que sabe o que quer (oh plagiario de Julio Prestes!) e se cumpre o que ele diz sem a colaboração de sub-ditadores ou de gabinetes clandestinos", apresentando "um espectáculo de ordem, de paz, de garantia e de trabalho, porque há perço de trinta anos que ali não se conhece o voto e muito menos o secreto".

E adianta, jubiloso e informativo na sua pasmada contemplação: "Nos dominios do general Vicente Gomes não viciam veledades revolucionarias de qualquer especie. Tudo que elle faz é por sagacidade e intuição (!). E' um militar destituido de cultura (o que nós traduzimos por "sargento"), mas que possui o senso da sabedoria (tipo do sujeito fera que não conhece nada mas sabe tudo).

E num periodo mais adiante diz o jornalista:

"A Igreja para elle é sagrada e ninguém pensaria sequer em tentar destruir o catolicismo, abrir uma campanha contra o clero ou pregar insensatez do divorcio". E é a este pedacinho de ouro que queremos nos dedicar, na analise que o sr. Chateaubriand ha de fazer com o senso de auto-critica que talvez ainda não o tenha abandonado: é sincero o comentarador de hoje ao

des revolucionarias de qualquer especie. Tudo que elle faz é por sagacidade e intuição (!). E' um militar destituido de cultura (o que nós traduzimos por "sargento"), mas que possui o senso da sabedoria (tipo do sujeito fera que não conhece nada mas sabe tudo).

E num periodo mais adiante diz o jornalista:

"A Igreja para elle é sagrada e ninguém pensaria sequer em tentar destruir o catolicismo, abrir uma campanha contra o clero ou pregar insensatez do divorcio". E é a este pedacinho de ouro que queremos nos dedicar, na analise que o sr. Chateaubriand ha de fazer com o senso de auto-critica que talvez ainda não o tenha abandonado: é sincero o comentarador de hoje ao

Farmacia Municipal

Telefone 4-7757

Rua Barão de Itapetininga, 36

Agencia Bremen
Passagens

Largo de Santa Efigenia, 13
Tel. 2-5413

tigo, mostrando às massas bestificadas do país, que aprendem finalmente a Verdade, o que a sua melancolia de bacharel ex-funcionario, chegou à suprema bemaventurança, tornando a sua pena um instrumento odioso do fascismo, traduzido em luzismo pelo integralismo azeltonado. O ardente poeta lirico que abriu a bocca perante o Peru e o Chile, durante alguns dias de permanencia à superfície da vida desses dois países, muito se admirou da existencia de um Partido Comunista ali, e da liberdade reinante na vida publica, que permite a representação desse partido, como de qualquer outro, nas camaras legislativas.

Tudo isso é pura lorota.

A denuncia policial do perigo marxista na America do Sul que Chateaubriand assina, é mero pretexto para a exhibição de seu tardio decolorimento do "genio do primeiro ministro Mussolini", e de umas tantas monstruosidades que não se põe de anunciar aos ventos, contra a democracia, a praticca honesta do voto secreto, que classifica de "vinho de sexta classe", o "palavreado sem sentido que tanto seduz a massa brasileira", e vem a ser a nossa tendencia para o liberalismo, de que s. s. foi apostolo até o seu regresso de um Portugal apenas vislumbrando na E é mero pretexto de exhibição

Madame Jeny
ATELIER DE MODAS

Rua Barão de Itapetininga, 71-A
Tel. 4-4537

Malharia Loslowski

Rua José Paulino, 88
Tel. 5-4163

O Problema da Cultura Popular no Brasil

Falando de cultura popular não nos referimos à ideologia propriamente dita das classes trabalhadoras. A função desta ideologia constitui por si só um fato politico e está portanto fóra da nossa materia.

E' claro porém, que a popularização da cultura deve ir de acórdio, com essa ideologia seguindo a mesma direção, devendo ser o seu complemento, por quanto provisorio e limitado.

Isso quer dizer que a cultura deve ser refundida toda e dentro da ideologia das classes trabalhadoras, tarefa esta que é a que mais nos preocupa por enquanto.

A criação, desde a base, de uma nova cultura super-estrutural das classes trabalhadoras, não poderá ser uma realidade sinão quando estas estiverem na completa possibilidade economica e politica de fazê-lo.

pelas massas esconde uma grande velhacaria e uma grande impotencia. Não é por nada que Mussolini considera Nietzsche como um de seus mestres.

Admitimos Nietzsche destruidor, repelimos Nietzsche construtor. Quando, depois da orgia demolidora, ele quiz construir, não soube fazê-lo dentro da realidade scientifica e resucitou velhos mitos religiosos. O seu espirito não pode exprimir-se em formulas quimicas, mas sim em simbolos misticos. Enfim, apesar de tudo o seu furor nihilista contra a religião cristã, continuou preso dentro do preconceito milenar de que somente a religiosidade é que pôde mover os homens.

Nietzche queria que as massas permanecessem amorfas para se dedicarem à missão de crear o super-homem. Esta teoria encontra o seu equivalente na da colaboração das classes, segundo a qual o proletariado deveria indefinidamente permanecer submisso para a criação do super-capitalismo nacionalista.

Assim falam os canais filosoficos.

8

Falando de cultura popular não nos referimos à ideologia propriamente dita das classes trabalhadoras. A função desta ideologia constitui por si só um fato politico e está portanto fóra da nossa materia.

E' claro porém, que a popularização da cultura deve ir de acórdio, com essa ideologia seguindo a mesma direção, devendo ser o seu complemento, por quanto provisorio e limitado.

Isso quer dizer que a cultura deve ser refundida toda e dentro da ideologia das classes trabalhadoras, tarefa esta que é a que mais nos preocupa por enquanto.

A criação, desde a base, de uma nova cultura super-estrutural das classes trabalhadoras, não poderá ser uma realidade sinão quando estas estiverem na completa possibilidade economica e politica de fazê-lo.

9

Não se trata, como temos visto, de popularizar toda a cultura. Ha uma cultura que não é necessaria às massas, que permanece alheia aos seus modos de pensar, indiferente aos seus sentimentos, inutil às suas necessidades.

10

Vamos citar Nietzsche. Na obra de Nietzsche ha uma parte que poderá ser difundida com grande proveito: é a que se refere ao combate aos preconceitos religiosos e morais. Aqui temos ainda um Nietzsche humano, muito perto de nós, preocupado com o problema do aperfeiçoamento coletivo do homem.

Quando, porém, começa a imaginar um super-homem que em ultima analise não é mais do que um escravizador de homens, torna-se francamente reacionario. O seu imenso desprezo

11

Embora a cultura seja um produto super-estrutural da sociedade, isto é, derive diretamente das condições economico-politicas da sociedade, ela é tambem, como produto da intelligencia, uma particularidade biologica, e como tal, contem em si, de qualquer maneira, elementos universais.

Trata-se de definir o carater dessa universalidade? Para isso serve o que foi dito no paragrafo oito.

12

Daquí a nossa preocupação em não desclassificar, para as nossas neces-

A conferencia de Londres

A sombra de Jorge V presidirá, de hoje a dois dias, mais uma conferencia internacional. Depois de Lausanne e de Genebra, a metropole britanica hospedará as centenas de delegados de meio mundo que discutirão mais uma vez inutilmente, os mesmos problemas e concluirão enfim pelo adiamento das soluções propostas. Mas o que constituirá a importância sem duvida excepcional da reunião de Londres não é o que se espera ou se finge esperar dela. E' o que representa ela como inicio da situação a que chegou o regime capitalista.

Sob o aspecto de questões quasi puramente tecnicas, cuja ascendencia é um dos proprios postulados da Conferencia, tal qual a planejou a Agenda do comité preparatorio de Genebra, é certo que o que se vai tentar é um compromisso entre a Europa balcanizada e que a diplomacia inglesa se esforça por manter unida, e a America, isto é, os Estados Unidos.

Esse compromisso que com toda a probabilidade assumiria a forma de uma nova partilha de mercados, seria valido na medida em que a produção de cada potencia imperialista encontrasse esconduro nos respectivos mercados internos.

A impossibilidade dessa perspectiva é tão evidente por si mesma, que não é necessario espas-

se o ponto de vista marxista, para chegar-se a concluir por ela o exame mais superficial da situação internacional.

Basta atentar-se para a preponderância que terá ou antes que está tendo a questão monetaria em geral (estabilização, paridade entre o dolar e a libra, estabelecimento de um regulador internacional), para julgar-se da acuidade da questão que a todas sobreleva — a igualdade das condições e concorrência no mercado mundial.

Se a Inglaterra tenta galeonizar sua economia decrepita pela politica imperial dos acordos de Ottawa, içando a flâmula protecionista, os Estados Unidos forçam a abertura do mercado externo tentando sair da crise das suas industrias, fazendo Roosevelt campeão do livre-cambio de novo genero.

E' que, aproximativamente postos em igualdade de condições, os concorrentes se medirão no campo do aparelhamento propriamente tecnico das suas industrias, e na capacidade de expansão do seu sistema financeiro.

E' por isso justamente que, aventado consideravelmente no campo, não temem os Estados Unidos a concorrência da industria europeia, e quanto à segunda, desde a reforma bancaria ao abandono recente do padrão ouro, a politica iniqui tem o rumo inflexivel de uma reforma colossal de racionalização financeira, o que não têm faltado o elemento melodramatico para assegurar o aplauso das galerias, isto é, aquilo a que um jornal londrino chamou a serio de "pogrom" dos banqueiros.

Mas não será a conclusão ou a impraticabilidade de acordos tarifarios que saltará ou condenará a Conferencia. Pactos bilaterais com a clausula de nação mais favorecida resolverão a questão ao sabor das conveniências de cada um. No maximo, coarará a obra uma anódina convenção internacional de declaração de principios. Sob o aspecto politico, e ainda que não conste da agenda da Conferencia será a VEXATA QUESTIO das dividas de guerra, a questão primacial em que se desenharão os lineamentos dos blocos futuros para a solução militar dos antagonismos.

Não é sem motivo que a questão é onipresente mesmo não confessada. Aos olhos mais desprezados apparecem succeder-se como num taboleiro de xadrez as jogadas pacientes dos parceiros.

E' esse o grande trunfo iniqui. Mas tambem o segredo da obstinada resistencia europeia, e consequentemente, a condição de existencia de uma frente unificada pela Inglaterra, que faz com que vão ter a Roma todos os caminhos que restam à Europa capitalista...

A obra "renovadora" do fascismo

Em 1922, quando Mussolini tomou o poder, a Italia era uma nação onde estavam desenvolvidas ao maximo grau todas as liberdades politicas morais, intelectuais.

Em 1933, ano XI do regimen fascista, o "Duce" fez retrocer a Italia aos tempos do medio-eco.

Constitem:

VELHOS PRIVILEGIOS DA COMPANHIA DE JESUS CONFIRMADOS PELO PAPA PIO XI

CIDADE DO VATICANO, 1 (II). — O papa publicou um Breve em que confirma todos os recursos apostolicos concedidos à Companhia de Jesus desde o pontificado de Paulo III, e ao mesmo tempo todos os privilegios que lhe foram concedidos.

se o ponto de vista marxista, para chegar-se a concluir por ela o exame mais superficial da situação internacional.

Basta atentar-se para a preponderância que terá ou antes que está tendo a questão monetaria em geral (estabilização, paridade entre o dolar e a libra, estabelecimento de um regulador internacional), para julgar-se da acuidade da questão que a todas sobreleva — a igualdade das condições e concorrência no mercado mundial.

Se a Inglaterra tenta galeonizar sua economia decrepita pela politica imperial dos acordos de Ottawa, içando a flâmula protecionista, os Estados Unidos forçam a abertura do mercado externo tentando sair da crise das suas industrias, fazendo Roosevelt campeão do livre-cambio de novo genero.

E' que, aproximativamente postos em igualdade de condições, os concorrentes se medirão no campo do aparelhamento propriamente tecnico das suas industrias, e na capacidade de expansão do seu sistema financeiro.

E' por isso justamente que, aventado consideravelmente no campo, não temem os Estados Unidos a concorrência da industria europeia, e quanto à segunda, desde a reforma bancaria ao abandono recente do padrão ouro, a politica iniqui tem o rumo inflexivel de uma reforma colossal de racionalização financeira, o que não têm faltado o elemento melodramatico para assegurar o aplauso das galerias, isto é, aquilo a que um jornal londrino chamou a serio de "pogrom" dos banqueiros.

Mas não será a conclusão ou a impraticabilidade de acordos tarifarios que saltará ou condenará a Conferencia. Pactos bilaterais com a clausula de nação mais favorecida resolverão a questão ao sabor das conveniências de cada um. No maximo, coarará a obra uma anódina convenção internacional de declaração de principios. Sob o aspecto politico, e ainda que não conste da agenda da Conferencia será a VEXATA QUESTIO das dividas de guerra, a questão primacial em que se desenharão os lineamentos dos blocos futuros para a solução militar dos antagonismos.

Não é sem motivo que a questão é onipresente mesmo não confessada. Aos olhos mais desprezados apparecem succeder-se como num taboleiro de xadrez as jogadas pacientes dos parceiros.

E' esse o grande trunfo iniqui. Mas tambem o segredo da obstinada resistencia europeia, e consequentemente, a condição de existencia de uma frente unificada pela Inglaterra, que faz com que vão ter a Roma todos os caminhos que restam à Europa capitalista...

FLAMMARION SERRA.

PROBLEMAS CONSTITUCIONAIS

Unidade de direito e dualidade de justiça

Especial para "O Homem Livre" João Silveira Melo

I

descentralização dos órgãos polí- co-administrativos do país foi lida do- miante nos primórdios da primeira República. A sugestiva influência, que ela exerceu, refletiu, entre outros do- cumentos da época, no projeto Santos Werneck — Rangel Pestana, outorgan- do aos Estados a faculdade constitu- cional de promulgar leis adjetivas e substantivas.

A esquerda revolucionária procede, na segunda República, empolgada pelo princípio oposto, da centralização, e, em consequência, pletica, não só a unidade do direito material, como a do direito formal e até da organização ju- diciária.

Admitindo-se vingue, na futura constituinte, como se espera, o prin- cípio federativo, pergunta-se: — será compatível com o mesmo a unidade do direito formal e da organização ju- diciária? ou, ao contrário, impor a fede- ração a dualidade desse direito e a dualidade da justiça?

Afirmo Lauro de Mendonça que "a forma federativa exige a dualidade paralela da justiça federal e das justi- ças dos Estados". "O contrário" — pondera o saudoso jurista — "seria admitir Estados autônomos sem jus- tiça própria; o que fôra tão absurdo como conceber federação sem Estados

autônomos". Poder-se-ia revirar que a Suíça é uma federação de cantões e a República Argentina uma federação de proví- cias...

Sendo, porém, autônomas as unida- des da federação, devem ter um poder executivo, um poder legislativo e um poder judiciário independentes, com- pletamente separados da União. De outro modo, seria, efetivamente, mutilar o regime federativo.

A mesma conclusão se não tira, en- tretanto, relativamente ao direito pro- cessual.

A unidade desse direito não quebra a estrutura do regime federativo. Este não exige, como condição essen- cial, a faculdade concedida às unida- des federadas de legislar sobre o direi- to adjetivo. E, sob o ponto de vista estritamente jurídico, são menos insepa- ráveis as normas de processo e as de organização judiciária que as de direi- to material e de direito formal.

Tão entrelaçadas se acham, o direi- to substantivo e o direito adjetivo, em muitos institutos, que sem grave risco para a sua essência e integridade, não lhes seria possível desarticlar as nor- mas adjetivas das substantivas, para atribuir aquelas aos Estados e estas à União.

Frederico Gámbara

ADVOGADO

Praça da Sé 6 — 2.º sob. Tel. 2-2157

Obrigações — Bonus Promissórias

C. I. T. A. mantém um excelente serviço de informações sobre valor, vantagens e condições dos títulos públicos.

Fazêr vossos negócios por in- termédio de

C. I. T. A. LDA.

Direção de Percy D. Levy São Paulo — Santos — Rio Caixa Postal 3740 (S. Paulo)

MUSICA

Ferreira Prestes

(por Fernando M. de Almeida)

Eu deveria começar pelo poeta e pelo amigo mas é medonho para mim enveredar por esse atalho. Primeiro porque acho que um amigo não se cultua em papeis escritos mas no cora- ção. Segundo porque sua vida teve, mesmo um "quê" de angustioso de- mais para vir ser repetida aqui, quan- do apenas se trata de rever a sua sombra carinhosa.

Do crítico musical é que devo fal- lar. Nessa modalidade intelectual ele foi sobretudo um honesto. Si na sua própria subtilidade ele passava por ser, antes de tudo, um artista e o "meu maior poeta", para outros á que a realidade concreta vinha penetrar no amago a retina, tudo de que ele tra- tava era estudado, analisado e dissec- ado no ardor de realizar um fim: a verdade. E por isso, incompreendido pela multidão boécia, era um "sólo" no cêro da quotidianidade urbana de São Paulo. Era, com seus estudos, um dos espíritos mais inquietos e res- pigadores, se não o maior de todos, dentre os que tenho conhecido. E com razão falou dele Mario de And- rade: "Vivia povoado de hesitações, no temor de não ajuizar com verda- de. Conciência muito severa, talvez mesmo excessivamente severa para consigo mesmo, tomando profunda- mente a sério a vida social, desde que se fez crítico musical da mesma ma- neira com que universalmente mais ou menos, se improvisam os críticos dos diários não entre os que "sabem" musica, mas escolhendo entre os re- dactores o que demonstra "gostar" de musica, desde que se fez crítico, Ferreira Prestes lançou-se em estu- díos sérios das disciplinas intelectuais da Musica, Historia, Estética, Crí- tica. Chegou a ter delas um conheci- mento incomum mesmo entre musi- cos. Esses estudos caracterizaram- lhe a parte mais essencial da curta obra critica que fez. Era um critico no sentido mais social do termo. Pou- co lhe interessavam o virtuosos e a especificação técnica deste, antes pro- curava tirar das obras executadas a sua significação estética, e valor his- torico".

Ferreira Prestes lia muito e pos- suia uma cultura literaria madura de- mais para sua pouca idade. E como nunca mesmo o viriam a compren- der, este isolamento quasi que liti- rgico, esta separação dos fenómenos frequentes da vida social foi abrindo um climax ascendente no seu espirito. Daí lhe veio aquela intoxicação amo- rosa pela negatividade e tudo isto deu em morte. Morreu em 27 de Maio de 1931.

Joseph Goebbels, o "pequeno demônio" do nacional-socialismo

NETRO, 1933

Adolph Hitler é o chanceler. A "revo- lução" alemã foi feita. Sua tropa, pro- letarios desclassificados das seções de salto, antigos oficiais e sub-oficiais dos Capacetes de aço, desfiliam com o ar- cho em punho. No hall da presiden- cia, o velho marechal recebe a sua parte dos homenagens. Na sacada da chan- celaria está o "Führer" em pessoa, rodeado dos que o guindaram ao po- der, Hugenberg, Papen, Selts. De seus lougar-tenentes nazistas, só Goering está com ele. Os outros, não estão lon- ge de lá, na sacada do elegante hotel Kaiserhof. Hem, von Epp, os grandes chefes nazis, silhuetas massiccas, ger- mánicas, arianas dos generais do exer- cito imperial. O que faz, então, em meio deles esse gnomo miúsculo, de quem o rosto emaciado ornar-se com um enorme nariz grotescamente cur- vo, que parecerá copiado de uma ca- ricatura antissemita do "Angriff"? Será a primeira vítima semita do tercel- ro Reich? Irão dependurá-lo nas gra- des da sacada ou atira-lo de patto á multidão? Mas não; o gnomo aperta- se pensosamente, á primeira fila, e co- lhe sua parte de aclamações. Pois não é sinão Joseph Goebbels, redator-chefe do "Angriff", o homem que conqui- stou Berlim para o nacional-socialismo, o braço direito de Fuhrer.

O braço direito do Fuhrer. Ela não é fol sempre. Houve tempo em que Joseph Goebbels, com Gregor Strasser, representava, no seio do partido nazis- ta, a oposição de esquerda. Em suas "cartas nacionais-socialistas", procla- mavam ambos a necessidade de "com- pletar o socialismo nos quadros do Estado". Mas quando Hitler, tendo re- unido em conferencia seus lugar-tenentes, em Bamberg, conseguiu per- suadi-los para se abstiverem de fa- zer campanha para a confiscação das propriedades dos antigos príncipes im- periais, e convenceu-os da necessidade de ganhar as simpatias dos bancos e da industria, mais que depressa Goeb-

que sejam! — de um modico drama de Goebbels "Gneissau", produ- zido em Goebbels, uma profunda im- pressão. A obra principal de Goebbels é um romance quasi auto-biografico em que o heroi, Michel, é como ele proprio estudante fraco, enfermo, e grandilo- quente, Michel desejará agr. "sentir entre seus joelhos um ginete fogoso". Não possui, porém, a força. Então, ele fala: "A mocidade tem sempre razão perante os velhos...". "A mulher deve ser bela e fazer crianças". "O Cristo não podia ser judeu. Inauti provar cientificamente. E assim...". "nunca é absurdo verter o sangue...". Cida- dão... este vocabulo é a peor das to- jorias... etc... Eis alguns excertos da eloquencia de Michel. Nós reconhecemos bem Verkhovenski... e Goebbels.

O ORADOR "POSSESSO" Dramaturgo patado, romancista sem leitores, Goebbels refugiou-se na poli- tica.

Seus talentos de agitador foram notados na Ruhr, recebendo, logo, a direção da propaganda racista na região da Berlim. Aí fez maravilhas. Sua eloquencia é vulgar, dir-se-á.

"Certamente, — diz ele em seu li- vro A luta por Berlim, a propaganda nacional-socialista é primitiva. Mas é pensamento do povo é primitivo. A agitação simplifica os problemas, situa- tos ao pensamento e aos horizontes populares."

Não é um politico. É incapaz de pensar logicamente, de meditar. Depois dele, Hitler parece hegeliano ou kantiano. Goebbels, porém, excels, mediante seu lirismo primitivo, em acen- dar os paixões mais baixas dos des- classificados e dos pequenos burguezes que formam a maioria dos seus auditorios. Ele parte á conquista da rua, que, — diz elle — "dá o direito á conquista do Estado".

De pé! — ele brada — ós, a Aristocracia da nova classe operaria, De pé, vós, a nobreza do terceiro Reich. Regai com vosso sangue, será bela a messe. Cerrai os punhos...

Seu melhor triunfo, conheceu-o um dia em que, da capota de um automove- vel, dirigiu uma manifestação contra o filme "Nada de novo na frente ocidental". Ele viu, sob suas ordens, mil-hares de homens deparar em elme- nares que se aproximavam, tendo na mão os bilhetes que compraram com seus pobres níckels, enquanto que a policia, "para restabelecer a ordem" os impedia, de se defenderem das quadrilhas nazistas.

Goebbels triunfou. Instalou-se num enorme edificio de Wilhelmstrasse que em outros tempos abrigou o Ministe- rio da Alimentação, ocupando ele proprio o gabinete de Rathenau, assassi- nado por fascistas. Foi ele quem im- puz aos nazistas o porte da cruz ge- mada. Ele porém nunca a ostentava "na vida privada", quer dizer, fóra da vista de seus guardas de corpo...

No Korved. (De "Vu").

Seu melhor triunfo, conheceu-o um dia em que, da capota de um automove- vel, dirigiu uma manifestação contra o filme "Nada de novo na frente ocidental". Ele viu, sob suas ordens, mil-hares de homens deparar em elme- nares que se aproximavam, tendo na mão os bilhetes que compraram com seus pobres níckels, enquanto que a policia, "para restabelecer a ordem" os impedia, de se defenderem das quadrilhas nazistas.

Goebbels triunfou. Instalou-se num enorme edificio de Wilhelmstrasse que em outros tempos abrigou o Ministe- rio da Alimentação, ocupando ele proprio o gabinete de Rathenau, assassi- nado por fascistas. Foi ele quem im- puz aos nazistas o porte da cruz ge- mada. Ele porém nunca a ostentava "na vida privada", quer dizer, fóra da vista de seus guardas de corpo...

No Korved. (De "Vu").

Seu melhor triunfo, conheceu-o um dia em que, da capota de um automove- vel, dirigiu uma manifestação contra o filme "Nada de novo na frente ocidental". Ele viu, sob suas ordens, mil-hares de homens deparar em elme- nares que se aproximavam, tendo na mão os bilhetes que compraram com seus pobres níckels, enquanto que a policia, "para restabelecer a ordem" os impedia, de se defenderem das quadrilhas nazistas.

Goebbels triunfou. Instalou-se num enorme edificio de Wilhelmstrasse que em outros tempos abrigou o Ministe- rio da Alimentação, ocupando ele proprio o gabinete de Rathenau, assassi- nado por fascistas. Foi ele quem im- puz aos nazistas o porte da cruz ge- mada. Ele porém nunca a ostentava "na vida privada", quer dizer, fóra da vista de seus guardas de corpo...

No Korved. (De "Vu").

Seu melhor triunfo, conheceu-o um dia em que, da capota de um automove- vel, dirigiu uma manifestação contra o filme "Nada de novo na frente ocidental". Ele viu, sob suas ordens, mil-hares de homens deparar em elme- nares que se aproximavam, tendo na mão os bilhetes que compraram com seus pobres níckels, enquanto que a policia, "para restabelecer a ordem" os impedia, de se defenderem das quadrilhas nazistas.

Goebbels triunfou. Instalou-se num enorme edificio de Wilhelmstrasse que em outros tempos abrigou o Ministe- rio da Alimentação, ocupando ele proprio o gabinete de Rathenau, assassi- nado por fascistas. Foi ele quem im- puz aos nazistas o porte da cruz ge- mada. Ele porém nunca a ostentava "na vida privada", quer dizer, fóra da vista de seus guardas de corpo...

No Korved. (De "Vu").

Seu melhor triunfo, conheceu-o um dia em que, da capota de um automove- vel, dirigiu uma manifestação contra o filme "Nada de novo na frente ocidental". Ele viu, sob suas ordens, mil-hares de homens deparar em elme- nares que se aproximavam, tendo na mão os bilhetes que compraram com seus pobres níckels, enquanto que a policia, "para restabelecer a ordem" os impedia, de se defenderem das quadrilhas nazistas.

Goebbels triunfou. Instalou-se num enorme edificio de Wilhelmstrasse que em outros tempos abrigou o Ministe- rio da Alimentação, ocupando ele proprio o gabinete de Rathenau, assassi- nado por fascistas. Foi ele quem im- puz aos nazistas o porte da cruz ge- mada. Ele porém nunca a ostentava "na vida privada", quer dizer, fóra da vista de seus guardas de corpo...

No Korved. (De "Vu").

Seu melhor triunfo, conheceu-o um dia em que, da capota de um automove- vel, dirigiu uma manifestação contra o filme "Nada de novo na frente ocidental". Ele viu, sob suas ordens, mil-hares de homens deparar em elme- nares que se aproximavam, tendo na mão os bilhetes que compraram com seus pobres níckels, enquanto que a policia, "para restabelecer a ordem" os impedia, de se defenderem das quadrilhas nazistas.

Goebbels triunfou. Instalou-se num enorme edificio de Wilhelmstrasse que em outros tempos abrigou o Ministe- rio da Alimentação, ocupando ele proprio o gabinete de Rathenau, assassi- nado por fascistas. Foi ele quem im- puz aos nazistas o porte da cruz ge- mada. Ele porém nunca a ostentava "na vida privada", quer dizer, fóra da vista de seus guardas de corpo...

No Korved. (De "Vu").

Seu melhor triunfo, conheceu-o um dia em que, da capota de um automove- vel, dirigiu uma manifestação contra o filme "Nada de novo na frente ocidental". Ele viu, sob suas ordens, mil-hares de homens deparar em elme- nares que se aproximavam, tendo na mão os bilhetes que compraram com seus pobres níckels, enquanto que a policia, "para restabelecer a ordem" os impedia, de se defenderem das quadrilhas nazistas.

Goebbels triunfou. Instalou-se num enorme edificio de Wilhelmstrasse que em outros tempos abrigou o Ministe- rio da Alimentação, ocupando ele proprio o gabinete de Rathenau, assassi- nado por fascistas. Foi ele quem im- puz aos nazistas o porte da cruz ge- mada. Ele porém nunca a ostentava "na vida privada", quer dizer, fóra da vista de seus guardas de corpo...

No Korved. (De "Vu").

Seu melhor triunfo, conheceu-o um dia em que, da capota de um automove- vel, dirigiu uma manifestação contra o filme "Nada de novo na frente ocidental". Ele viu, sob suas ordens, mil-hares de homens deparar em elme- nares que se aproximavam, tendo na mão os bilhetes que compraram com seus pobres níckels, enquanto que a policia, "para restabelecer a ordem" os impedia, de se defenderem das quadrilhas nazistas.

Goebbels triunfou. Instalou-se num enorme edificio de Wilhelmstrasse que em outros tempos abrigou o Ministe- rio da Alimentação, ocupando ele proprio o gabinete de Rathenau, assassi- nado por fascistas. Foi ele quem im- puz aos nazistas o porte da cruz ge- mada. Ele porém nunca a ostentava "na vida privada", quer dizer, fóra da vista de seus guardas de corpo...

No Korved. (De "Vu").

Seu melhor triunfo, conheceu-o um dia em que, da capota de um automove- vel, dirigiu uma manifestação contra o filme "Nada de novo na frente ocidental". Ele viu, sob suas ordens, mil-hares de homens deparar em elme- nares que se aproximavam, tendo na mão os bilhetes que compraram com seus pobres níckels, enquanto que a policia, "para restabelecer a ordem" os impedia, de se defenderem das quadrilhas nazistas.

Goebbels triunfou. Instalou-se num enorme edificio de Wilhelmstrasse que em outros tempos abrigou o Ministe- rio da Alimentação, ocupando ele proprio o gabinete de Rathenau, assassi- nado por fascistas. Foi ele quem im- puz aos nazistas o porte da cruz ge- mada. Ele porém nunca a ostentava "na vida privada", quer dizer, fóra da vista de seus guardas de corpo...

No Korved. (De "Vu").

Seu melhor triunfo, conheceu-o um dia em que, da capota de um automove- vel, dirigiu uma manifestação contra o filme "Nada de novo na frente ocidental". Ele viu, sob suas ordens, mil-hares de homens deparar em elme- nares que se aproximavam, tendo na mão os bilhetes que compraram com seus pobres níckels, enquanto que a policia, "para restabelecer a ordem" os impedia, de se defenderem das quadrilhas nazistas.

Goebbels triunfou. Instalou-se num enorme edificio de Wilhelmstrasse que em outros tempos abrigou o Ministe- rio da Alimentação, ocupando ele proprio o gabinete de Rathenau, assassi- nado por fascistas. Foi ele quem im- puz aos nazistas o porte da cruz ge- mada. Ele porém nunca a ostentava "na vida privada", quer dizer, fóra da vista de seus guardas de corpo...

BIOLOGIA

A definição da especie

(Continuação da 2.a pag.)

que se procure concretisar a noção de especie, ela perde em unidade.

Considerada no pormenor, chega-se até a pulverisar a noção de especie, como fez Jordan: chega-se ao Jordano, isto é á especie elementar. Esta é perfeitamente estável, perfeitamente definida: representa a especie surda de uma planta auto-fecundada. E, em suma, a mais pura das especies.

Vejam agora: não sendo a auto-fecundação possível entre animais, temos em compensação uma coisa parecida: a união entre consanguí- neos que chega ao termo de algumas gerações a dar produtos extremamen- te semelhantes entre si.

E' a especie coletiva segundo Li- neu. O líneon, para empregar o ter- mo científico.

Mas em geral a noção de especie é mais ampla: ela é formada por indivíduos diferentes mas que apresen- tam caracteres comuns e são separa- dos por uma barreira geografica e reproductiva. A especie torna-se por- tanto uma união de indivíduos separa- dos geograficamente e diferentes morfologicamente, possuindo porém um certo numero de caracteres com- uns que, instintivamente, sentimos a necessidade de agrupar.

Esta definição científica é muito indeterminada. Parece-me tão impre- cisa quanto as discussões etnicas vi- sando definir o lionês, o parisiense, o francês, o europeu. São verdadeiras em suas generalidades, mas observa- vando cada individuo particularmen- te, as diferenças se acentuam.

O biologista que vise fixar de perto a noção de especie acaba por pro- curar a origem do individuo auto-fecundado, do jordanon, e definitiva- mente a origem do individuo.

BARREIRAS DIVERSAS

Quando ao resto explica-se pela mutação.

Barreiras geograficas, sexuais, psi- cológicas e sociais acentuam as di- versidades e tendem a reforçar o iso- lamento.

Nas serras do Darien, na America Central, vivem uns índios brancos, albinos de olhos vermelhos, exotiza- dos de suas antigas tribus. Reunidos numa povoação de algumas centenas de individuos, dormem de dia, caçam á noite e casam-se somente entre si. Todos os nossos problemas huma- nos são reencontrados nos animais; a menos que não se queira revirar a frase e pensar que todos os proble- mas animais se reencontram nos hu- manos.

Odiões de raça, costumes diferentes impedem a mescla de animais inter- fecundados: assim, o lobo, o chucal, re- produzem perfeitamente com o cão de casa de talhe conveniente, a me- nos que a experiencia não falhe por uma hostilidade persistente nos con- juntos que recusam uma aliança si- quer.

O faisão dourado das florestas do sul da China fecunda em captividade de outro faisão das montanhas do Oeste. O faisão de lady Amherst e o híbrido são férteis entre si. Mas dentro de sua existencia natural os dois grupos vivem apartados e per- manecem distintos. Diferenças de talhe podem impedir a raças de mes-

ma especie de fecundar. As galinhas da Malasia não se podem juntar com raças menores como a dos cucos.

Uma antecedencia ou um atraso de poucos dias na época da postura já é sufficiente para separar especies se- melhantes.

Em Berlim, a rã verde junta-se em Maio e botta os ovos no mez de Ju- nho. Avizinha-se a outra especie, um pouco maior, cuja postura dá-se de 1 a 20 de Maio. Pois bem: estas duas especies são inter-fecundas, mas essa escalção de poucos dias na época da copula e da postura é sufficiente para separá-las completa- mente.

O ISOLAMENTO FISIOLOGICO

Entre as causas que separam as especies devemos contar o isolamento psiquico, não raro reforçado tam- bem pelo fisiológico. Neste caso a definição da especie tal como a de- mos retomá o seu valor. Intervindo a mescla das especies, o híbrido resul- tante não se perpetua, por ser muito fragil ou não fecundo ou mesmo pou- co refundo. Questão de quimismos viventes impossiveis de se combina- rem.

O aspéto exterior não é prejudi- cial ao quimismo: sabe-se que na ce- Julia, no momento em que sobrevém os fenomenos da reprodução, os fila- mentos do nucleo se fragmentam num determinado numero de partes, chamadas cromosomas, os quais de seu lado se reduzem e casam-se a dois por dois. Ora, o cruzamento entre especies diferentes acontece quando entre esses cromosomas ha possibili- dade de colaboração, sem que seja turvado o mecanismo da redução dos fragmentos no casamento dos nu- cleos.

Rabanetes e couves, apesar de dis- similes, produzem híbridos: na pri- meira geração, os individuos são se- melhantes e intermediarios entre couves e rabanetes; na segunda geração acentuam-se diferenças, formas no- vas e diversas aparecem.

E' cruzando especies muito dife- rentes que horticultores, á caça de novidades, obtêm o isolamento dos descendentes. A incompatibilidade destes quimismos é real também para a especie humana. E isto nos fa- riam admitir que varias especies hu- manas são na realidade um principio de especie.

A CAMINHO DE ESPECIES HUMANAS

Segundo o meu modo de ver, a raça negra irá exercer, na civilização futura, um papel analogo ao dos bar- baros em face dos gregos e dos latinos. Mas convem lembrar sucinta- mente essa tése: — Gobineau admitta a desigualdade de raças humanas e a superioridade da branca sobre as demais. Esta superioridade se iria en- fraquecendo por mestiçagem, pouco a pouco, fundindo-se no elemento negro, incapaz de civilização.

Isto significaria, em suma, o decal- mento da especie humana, ao envez do infinito progresso que se abre perante a humanidade.

As teorias parecem-se aos fogos de artificios: os fatos, porém, estão aí para apagar todas essas bellas per- formances do espirito.

EMILIO MALESPINE.

(Da revista francesa "Mondo" — Paris).

Fabrica de Colchões PAULO MAGGIONINI Rua Frederico Abranches N. 3 Tel. 5-1356

UM GENTO IGNORADO A frase acima é do proprio Goebbels. Pois ele é homem de letras. Mas, ve- jam só, seu genio literario ficou igno- rado. Quem sabe, si a critica tivesse maltratado menos seus dramas e seus romances, talvez nunca tivesse sido nazista.

Nascido em 1897, em Rheydt (Rhe- nania) de uma familia de lavradores arranjados, Goebbels fez estudos lite- rarios, filosoficos e historicos em certo numero de Universidades alemãs. Mantiu a distancia de vida real, por sua fraqueza e sua deformidade fis- cas, ele sempre viu o mundo através do prisma da literatura. Estudou so- bretudo os românticos alemãs, mas sua maior admiração é para Dostoyevski.

Estranho confronto, si se pensar que Joseph Goebbels é um verdadeiro per- sonagem dos "Possessos", um Peter Stepanovitch Verkhovskii berlinez. "Que Deus nos dê escopos, quaisquer

O Pacto Quadruplo acaba de ser ru- bricado pelas quatro grandes potencias da Europa. A assinatura virá, fatal- mente, dentro de breves dias.

As consequências que desse fato de- rivarão para os destinos da Europa e do mundo são de importancia tal que interessam ao destino de todos os povos da terra. E tal assunto merece ser longa e oportunamente tratado.

Para o que nos diz respeito, para o que interessa mais de perto ao pu- blico brasileiro, temos o dever de des- mascarar a indecente algazarra que, por aquela imprensa fascista que di- rectamente recebe subvenções e servi- ços telegraficos gratuitos do "fascio", a indecente algazarra, repetimos, que está sendo feita em torno de uma su-

posta formidável vitória politica e ideologica do "Duce" do fascismo.

Segundo tal imprensa fascista, a assinatura do Pacto Quadruplo não si- gnifica mais do que uma colossal vitória politica de Mussolini.

Vejam a que se reduz essa vitó- ria.

Primeiro: Mussolini, durante dez anos ameaçou céos e terras, berrou, esbravejou que a "honra" da Italia exigia — como recompensa aos sacri- fícios sofridos na guerra a revisão dos tratados coloniais com a consequente cessão, por parte da França, de boa parte das ricas ex-colônias germani- cas.

Segundo: Do mesmo modo, o "Du- ce" romano afirmou inumeras vezes que jamais poderia "conceder" com a eternização do sistema politica da "Pequena Entente", satélite da politi- ca francês.

As mais insensitas coisas foram pro- nunciadas por Hitler, guindado ao po- der pela sua selvagem demagogia chau- vinista-anti-revisionista.

Ora bem: o Pacto Quadruplo foi ru- bricado. De que forma?

"... sem sacrificar (por parte da França) coisa alguma dos acordos e tratados existentes".

LIQUIDAÇÃO DE ARTIGOS FINOS Estão sendo liquidados por preços, jamais vistos em São Paulo: Perfumarias, Cartelas, Brinquedos, Vasos de crystal de Baccarat, App. de Jantar, Utensílios domesticos, Artigos para esporte e uma infinidade de Objectos Úteis

CASA LEBRE R. DIREITA, 6

O PACTO QUADRUPLO — VITORIA DA POLITICA FRANCESA NA EUROPA — E O GRANDE HOMEM MUSSOLINI

O Pacto Quadruplo acaba de ser ru- bricado pelas quatro grandes potencias da Europa. A assinatura virá, fatal- mente, dentro de breves dias.

As consequências que desse fato de- rivarão para os destinos da Europa e do mundo são de importancia tal que interessam ao destino de todos os povos da terra. E tal assunto merece ser longa e oportunamente tratado.

Para o que nos diz respeito, para o que interessa mais de perto ao pu- blico brasileiro, temos o dever de des- mascarar a indecente algazarra que, por aquela imprensa fascista que di- rectamente recebe subvenções e servi- ços telegraficos gratuitos do "fascio", a indecente algazarra, repetimos, que está sendo feita em torno de uma su-

posta formidável vitória politica e ideologica do "Duce" do fascismo.

Segundo tal imprensa fascista, a assinatura do Pacto Quadruplo não si- gnifica mais do que uma colossal vitória politica de Mussolini.

Vejam a que se reduz essa vitó- ria.

Primeiro: Mussolini, durante dez anos ameaçou céos e terras, berrou, esbravejou que a "honra" da Italia exigia — como recompensa aos sacri- fícios sofridos na guerra a revisão dos tratados coloniais com a consequente cessão, por parte da França, de boa parte das ricas ex-colônias germani- cas.

Segundo: Do mesmo modo, o "Du- ce" romano afirmou inumeras vezes que jamais poderia "conceder" com a eternização do sistema politica da "Pequena Entente", satélite da politi- ca francês.

CASA RAFTAL

Marroquinerie de luxe Rua Sebastião Pereira N.º 33

Seus talentos de agitador foram notados na Ruhr, recebendo, logo, a direção da propaganda racista na região da Berlim. Aí fez maravilhas. Sua eloquencia é vulgar, dir-se-á.

"Certamente, — diz ele em seu li- vro A luta por Berlim, a propaganda nacional-socialista é primitiva. Mas é pensamento do povo é primitivo. A agitação simplifica os problemas, situa- tos ao pensamento e aos horizontes populares."

Não é um politico. É incapaz de pensar logicamente, de meditar. Depois dele, Hitler parece hegeliano ou kantiano. Goebbels, porém, excels, mediante seu lirismo primitivo, em acen- dar os paixões mais baixas dos des- classificados e dos pequenos burguezes que formam a maioria dos seus auditorios. Ele parte á conquista da rua, que, — diz elle — "dá o direito á conquista do Estado".

De pé! — ele brada — ós, a Aristocracia da nova classe operaria, De pé, vós, a nobreza do terceiro Reich. Regai com vosso sangue, será bela a messe. Cerrai os punhos...

Seu melhor triunfo, conheceu-o um dia em que, da capota de um automove- vel, dirigiu uma manifestação contra o filme "Nada de novo na frente ocidental". Ele viu, sob suas ordens, mil-hares de homens deparar em elme- nares que se aproximavam, tendo na mão os bilhetes que compraram com seus pobres níckels, enquanto que a policia, "para restabelecer a ordem" os impedia, de se defenderem das quadrilhas nazistas.

Goebbels triunfou. Instalou-se num enorme edificio de Wilhelmstrasse que em outros tempos abrigou o Ministe- rio da Alimentação, ocupando ele proprio o gabinete de Rathenau, assassi- nado por fascistas. Foi ele quem im- puz aos nazistas o porte da cruz ge- mada. Ele porém nunca a ostentava "na vida privada", quer dizer, fóra da vista de seus guardas de corpo...

No Korved. (De "Vu").

Seu melhor triunfo, conheceu-o um dia em que, da capota de um automove- vel, dirigiu uma manifestação contra o filme "Nada de novo na frente ocidental". Ele viu, sob suas ordens, mil-hares de homens deparar em elme- nares que se aproximavam, tendo na mão os bilhetes que compraram com seus pobres níckels, enquanto que a policia, "para restabelecer a ordem" os impedia, de se defenderem das quadrilhas nazistas.

Goebbels triunfou. Instalou-se num enorme edificio de Wilhelmstrasse que em outros tempos abrigou o Ministe- rio da Alimentação, ocupando ele proprio o gabinete de Rathenau, assassi- nado por fascistas. Foi ele quem im- puz aos nazistas o porte da cruz ge- mada. Ele porém nunca a ostentava "na vida privada", quer dizer, fóra da vista de seus guardas de corpo...

No Korved. (De "Vu").